

CORDEIRO, E. M. **Travessias de Cecília**: a caminho da Educação Matemática no Ceeja Padre Moretti (Rondônia). São Paulo: Cultura acadêmica, 2015.

GUTIERRE, Liliane dos Santos¹

Não somente pelo prefácio, nem tão somente pela carta destinada à Cecília (capítulo 1) que estão no livro advindo da tese de doutorado de Edna Maria Cordeiro que escrevo a sua resenha, mas pela escolha diferenciada da escrita de um trabalho científico que, por meio de um texto polifônico e dialógico, apresenta contribuições para a Educação Matemática de nosso país.

Em seu livro, com o objetivo de analisar por meio de uma interpretação histórica, como se delineou o cenário da Educação Matemática no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (Ceeja) Padre Moretti (1977 a 2012), a autora nos apresenta, no capítulo 2 (*Iniciando a travessia: angústias e confraternizações*), a coordenadora pedagógica Cecília, que inicia um trabalho no referido Centro, localizado do outro lado do Rio Madeira, em Porto Velho/RO. Cecília era membro de uma família formada, até então, por seus irmãos, Felipe, Pedro, Joaquim, Luiz (Luisinho); sua mãe, Helena; sua avó paterna, Aparecida e seu pai, Justino, caminhoneiro, que decidiu sair do estado do Paraná, a fim de apoderar-se de terras oferecidas pelo Governo Federal, no então Território Federal de Rondônia, com promessas de melhores condições econômicas e sociais as famílias dos migrantes.

A realidade vivida pelos professores do Ceeja passou a se descortinar perante Cecília, por meio das conversas que tinha com professores dessa instituição. A professora Elizabeth, por exemplo, relata que lecionou Matemática para alunos de 5^a à 8^a séries, na década de 1980, apenas com formação no curso de Magistério, o que fez Cecília lembrar de uma informação encontrada em suas pesquisas documentais, que, o Padre João Batista Moretti - cujo nome foi dado, honrosamente, ao Ceeja - ensinou Matemática em Rondônia, sem formação específica para tal, sendo um professor leigo até concluir sua formação no curso de Licenciatura em Matemática na cidade de Fortaleza/CE.

A pedagoga Zenaida, diretora do Ceeja, entre os anos de 1996 a 1999, também participou dessas primeiras conversas e, por meio dela, Cecília soube que havia professores, nessa instituição, que sentiam necessidade de responder a questionamentos, tais como: - educar para quê? Educar por quê? Então, Cecília destacou a importância de se trabalhar, durante o encontro de professores, no grupo de discussões, a partir da perspectiva freiriana de se pensar no por que e para quê de um trabalho pedagógico. Assim, as experiências do fazer docente de cada professor, acerca da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Ceeja, iam se descortinando perante Cecília, na medida em que os professores as narravam, durante os encontros, possibilitando a ela, a escrita da história da instituição, em especial, a escrita da própria história da EJA em Rondônia. Vale ressaltar que, a fim de tornar possível a interpretação histórica do cenário educacional do Ceeja, no período estudado, a autora do livro, respaldada na História Cultural, lança mão de fontes escritas e orais, e a partir de sua problematização, cria uma interpretação histórica sobre a cultura escolar e as práticas dos professores que lecionavam Matemática na instituição.

¹Professora do Departamento de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGECNM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo Potiguar de Estudos e Pesquisas em História da Educação Matemática (GPEP) e membro do Grupo de Pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática (HIFEM). Endereço eletrônico: lilianegutierrez@gmail.com.

No capítulo 3, *Percebendo a realidade*: conquistas e decepções, Cecília fala sobre a evasão das crianças matriculadas no Ceeja e do o seu desejo, junto da então diretora Joana, de conscientizar os pais desses alunos, sobre a da importância da frequência escolar, mesmo em um período de colheita, época em que as crianças eram solicitadas a ajudarem as famílias no campo. Cecília, ao visitar as famílias da região, em busca de diminuir a evasão escolar, tentando convencer os pais das crianças de que cada uma delas, na escola, era importante, se depara com a cultura indígena, muito presente na região e, diante de relatos acerca dos cuidados que o Marechal Rondon (1865-1913) tinha com essa comunidade, percebe, inclusive, por meio do site do Projeto Rondon, a importância que teve o referido Marechal para aquele povo. Inclusive destaca que o Marechal Rondon também ensinou Matemática naquela região.

Após o processo de conscientização das famílias ser concluído, acontece uma mudança súbita na direção do Ceeja, devido a questões políticas, o cargo, então, é assumido pela professora Elaine, o que afastou da instituição a então diretora Joana e a coordenadora pedagógica Cecília. Mas, em outra mudança de diretores, Cecília retorna ao Ceeja e retoma suas discussões com os professores da instituição, sobre a história da EJA em Rondônia. Nesse momento da trajetória relatada, o grupo de professores é formado por Júlio César, Elizabeth, Zenaida, Terezinha, Paulo e Jair.

É também neste capítulo que a autora do livro relata que, quando criança, conheceu Vitória, uma menina que perdeu os pais devido à violência constante em Porto Velho (capital do estado de Rondônia) e redondezas, decorrente da falta de política de colonização e da Reforma Agrária prometida pelo Governo Federal aos migrantes, sendo adotada pela avó de Cecília.

No capítulo 4, intitulado *Conquistas se realizando*: avanços e dificuldades, encontramos Cecília cursando Pedagogia, já adaptada ao sol e ao sotaque rondoniense, com mais dois irmãos: os gêmeos Lucas e João. Sua experiência profissional se iniciou com aulas de reforço aos gêmeos e a algumas crianças vizinhas. É neste capítulo também que, por meio da informação documentada obtida pela autora do livro, ao contatar a direção e a secretaria do Ceeja, descobre que, nessa instituição, foram desenvolvidos o Logos II (formação de professores leigos), os Exames de Educação geral em nível de 1º e 2º graus (correspondem aos Ensinos Fundamental e Médio atuais) e cursos supletivos. Posto isto, Cecília retorna ao grupo de discussões e nele participava ainda o professor Francisco Ilson, cuja presença corroborava com o compromisso que os professores assumiam com os alunos do Ceeja, seja no Logos II ou não.

Zenaida conta que, em 1996, a convite da Secretaria Estadual de Educação (Seduc), passou a ser diretora do Ceeja e prezou pela implantação do Telecurso 1º e 2º graus (com a utilização do material impresso e dos vídeos do programa; uma parceria da Fundação Padre Anchieta com a Fundação Roberto Marinho), do Exame de Circulação de Estudos (oferecido aos alunos matriculados na rede pública ou privada – a nível de conclusão do Ensino Fundamental ou Médio, mediante o aproveitamento de estudos) e do Curso Supletivo Seriado (atendia ao Ensino Fundamental e Médio no Ceeja); pois até sua gestão só havia disponível aos alunos o Curso Modular (ensino por módulos), além da educação de 1ª a 4ª séries. Nessa conversa com os professores, Cecília também foi informada que havia os Cursos Fênix e Proformação (semelhantes ao Logos II, que visava oferecer formação a professores leigos). A autora destaca a importância do papel da gestão democrática na história do Ceeja, que proporcionava ao professor assumir um compromisso com a educação local, por meio de encontros pedagógicos, e aprofundar/ampliar sua formação, a exemplo de Jaqueline e Simone, paranaenses, amigas da família de Cecília, que em Porto Velho, tiveram a oportunidade de fazer o Logos II.

No capítulo 5, *Aproximando-se da EJA: avanços e retrocessos*, a autora aponta que o ensino na EJA ia ao encontro da teoria proposta por Paulo Freire, pois visava uma educação com conscientização a todo e qualquer cidadão, de maneira que o aluno adulto tivesse condições de desenvolver-se pessoal, social e profissionalmente. Nessa perspectiva de formação, Cordeiro relata que, em Rondônia, aconteceram aulas das escolas Radiofônicas (ensino via rádio, transmitido pelas emissoras católicas, no início dos anos de 1950, no Brasil, advindo do Movimento de Educação de Base, experiência de alfabetização de adultos), do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral - ensino supletivo para adultos e adolescentes, que existiu até o ano de 1985) e do Curso Supletivo Projeto Minerva (projeto de ensino à distância via rádio, iniciado na década de 1970, oferecido pelo governo ditatorial brasileiro).

Nesse capítulo, a autora ainda nos remete às reuniões da escola, apresentando-nos outras pessoas, Valesca, que trabalhava no setor de lotação da Seduc e foi aluna do Ceeja e também Júlio César, Everaldo e Jaime, que foram alunos do Ceeja e, em seus depoimentos, mostraram à Cecília o quanto esta instituição era organizada e importante para a formação dessas pessoas que, em idade adulta, voltavam à sala de aula, seja por meio da EJA ou do Projeto Telensino (uso das tecnologias de informação como meio de auxiliar no ensino e aprendizagem). O irmão de Cecília, Luisinho, lançou mão dessa modalidade de formação, embora não a tenha concluído, evadindo-se da escola, como acontecia com muitos alunos. Cecília não se conformava com a desistência do irmão, pois seu estágio obrigatório do Curso de Pedagogia, acontecia na modalidade de ensino EJA, no Serviço Social do Comércio (Sesc), onde Luiz estudava, e ela gostaria de colaborar com sua formação, ensinando-o, fazendo-o aprender o conteúdo curricular, colocando em prática o que aprendera em sua formação.

No capítulo 6, *Educação Matemática: aproximações*, conhecemos Marília, professora que também participou dos encontros de formação e planejamento e que destaca a importância da compreensão da Matemática, a partir de estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, e Juliano, professor de História, que pediu informações a Cecília acerca da Especialização em Gestão Escolar, oferecida pelo Ministério da Educação junto a Universidade Federal de Rondônia (Unir). Cecília, além de coordenadora pedagógica, também era fonte de inspiração aos professores do Ceeja, por estar fazendo sua formação continuada, de modo que sempre contribuía com eles, dando-lhes informações nesse sentido.

Reflexões sobre o ensino de Matemática também foram apresentadas neste capítulo e estas se encaminhavam para a perspectiva de um ensino com qualidade, na medida em que os professores do Ceeja faziam a avaliação do seu trabalho, considerando, por exemplo, o sucesso de seus alunos ao ingressarem na Unir; em que valorizavam o professor de Matemática, sendo atencioso com o aluno; à medida que utilizavam os módulos (subdivisões de cadernos, que eram organizadas para atender aos objetivos específicos dos conteúdos), e só seguiam adiante, para outro módulo, caso os alunos aprendessem o conteúdo; recorrendo a vídeos, advindos do projeto Telensino, cujas possíveis dúvidas (de alunos e professores) poderiam ser sanadas com os professores da instituição.

Por fim, a autora conclui que a qualidade do ensino de Matemática no Ceeja foi evidenciada a partir de aprovações dos alunos em concursos e/ou vestibulares, mas também a partir do desempenho dos alunos em atividades de ensino que consideravam suas vivências e necessidades. Nesse capítulo, Cecília nos conta a respeito de sua experiência como professora de Matemática no Colégio Dom Bosco e destaca a falta de políticas públicas no estado de Rondônia com relação à área da saúde, o que influenciou diretamente na morte de seu irmão Lucas, com apenas 11 anos.

Currículo de Matemática: autonomia e imposição, capítulo 7 do livro, Cecília relata aos professores do grupo a experiência que teve em Manaus/AM, ao participar do lançamento da Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos para a Região Norte do Brasil, propondo a eles um estudo das atuais necessidades educacionais desse nível de escolaridade. Além disso, informa aos professores que está cursando Mestrado, na busca de uma formação profissional permanente e de poder contribuir com a Educação Básica, na medida em que trabalha na licenciatura, com a formação de professores. Nas reuniões, Cecília, já na condição de professora do Ensino Superior, discute a importância do currículo e da autonomia do professor, inclusive nas escolhas dos materiais didáticos; aborda os conteúdos matemáticos considerados, pelos professores que participavam dos encontros mediados por Cecília, difíceis de aprender (como equações do 2º grau), de modo que as reflexões, geradas a partir das discussões nos encontros do grupo, reforçam a necessidade de um material didático adequado à EJA. Também, a autora aponta que a aprendizagem de jovens e adultos deve ser valorizada, pois eles aprendem ao longo de toda a vida, podendo atualizar-se em qualquer momento. Um exemplo foi Luisinho, irmão de Cecília, ter concluído seus estudos.

No capítulo 8, *Processos formativos*: dificuldades e oportunidades, encontramos aspectos relacionados ao professor enquanto sujeito dos seus estudos, com participação ativa no processo ensino-aprendizagem, de modo que ele passa a ser percebido como um profissional com uma história de vida, experiência e valores próprios. Cecília, já na condição de orientadora educacional, informa aos colegas que participará do concurso para professor do Departamento de Educação da Unir - campus Vilhena/RO, e relata sua aproximação com a Educação Matemática, por meio de orientações de monografias de futuras Pedagogas, cujas referências fundamentavam-se nos trabalhos de Ubiratan D'Ambrosio, entre outros pesquisadores da área. No Ceeja, Cecília continuava com os encontros com professores e, nesse capítulo, a autora leva-nos a refletir, junto às vozes dos professores, acerca das lacunas na formação inicial de um professor de Matemática, uma vez que neste processo há uma tendência em privilegiar o conhecimento específico da Matemática em detrimento do conhecimento pedagógico que um curso de licenciatura demanda. A autora apresenta também uma lista com dez ações do Governo Estado de Rondônia voltadas para a formação docente, para que este atenda a demanda por vagas nas escolas de Porto Velho.

No capítulo 9, *Práticas Pedagógicas*: dificuldades e potencialidades, Cecília informa aos professores do grupo que está fazendo doutorado em Educação Matemática. A autora nos apresenta a metodologia da sua pesquisa a partir da corrente historiográfica da nova História Cultural e nos mostra que em Rondônia os cursos de formação para docentes continuam introduzindo reformas e inovações educacionais, a exemplo do Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar (Gestar) e também do Grupo de Estudo e Trabalho Pedagógico de Ensino de Matemática (Getemat) da Unir. No Ceeja, Cecília retorna ao grupo de professores (após finalizar o doutorado) para escutar dos participantes e registrar, como era o ensino de Matemática com jovens e adultos naquela instituição, a partir dos olhares dos professores daquele grupo, que apontaram dificuldades de se trabalhar com alunos da EJA.

A autora conclui que as experiências desses professores mostram acolhimento aos alunos numa perspectiva da Educação Matemática Crítica, já que eram organizadas situações de aprendizagem que valorizavam os conhecimentos prévios dos alunos, para a construção de novos conhecimentos. Muitas estratégias eram criadas pelos professores para que o jovem ou o adulto conseguissem sair de situações concretas referentes aos conteúdos estudados e caminhar para a abstração que a Matemática demanda, o que aconteceu ao estudarem, por exemplo, equações.

Nesse processo era levada em conta a concepção de que não se transfere conhecimentos, mas sim, criam-se possibilidades para a sua construção.

No capítulo 10, *Educação Matemática: evidências e lacunas*, a autora se remete ao Programa de Formação de Professores Leigos (Prohacap) em Rondônia, que licenciava docentes nas áreas de Pedagogia, História, Geografia, Matemática e Educação Física; ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), cujo objetivo era semelhante ao do programa Prohacap, na medida em que se caracteriza como um programa emergencial criado pelo governo federal para permitir a professores da rede pública, em exercício, o acesso à formação exigida na Lei de Diretrizes e Bases.

No capítulo em questão, a autora também ressalta que optou em investigar o Ceeja Padre Moretti, devido à importância da instituição em Rondônia e por não se ter notícias de pesquisas que abordem sua atuação, especialmente na EJA. Apresenta-nos Sofia, sua orientadora de doutorado, destacando sua importância para a escrita do texto em uma abordagem polifônica. Apresenta ainda as narrativas dos professores sobre o ensino de Matemática no Ceeja, e informa a eles sobre sua saída do grupo, sendo este o penúltimo encontro que ela mediaria. Além disso, nos conta sobre o assassinato de seu pai, no sítio em que moravam a alguns quilômetros de Porto Velho (Rondônia).

Finalmente, no último capítulo, *Do outro lado – Rio Claro – Avanços e Possibilidades*, Cecília em uma conversa virtual com Marília, percebe que ao buscar identificar as principais dificuldades presentes na prática pedagógica na EJA, observa aspectos como: a falta de valorização do trabalho docente; poucos conhecimentos de matemática básica e a diversidade cultural existentes. Descreve o seu último encontro com os professores, destacando que o Ceeja, ao oferecer possibilidades diversificadas de EJA, assegura oportunidades educacionais apropriadas aos alunos, considerando suas especificidades. Nesse encontro, os professores apontaram que o grupo de estudantes que cursava o Ceeja era muito diversificado e que eles precisavam ficar atentos para organizarem, com eficácia, situações didáticas favoráveis à aprendizagem matemática daqueles estudantes jovens e adultos. Após o término dos encontros com os professores do Ceeja, em uma conversa telefônica com seu irmão Luisinho, Cecília relata a ele sobre a qualificação de sua tese de doutorado, compartilhando seu encantamento com a Educação Matemática, já que esta área possibilitou seu encontro com a História, com a Cultura e com textos narrativos.

A leitura desse livro é, pois, necessária, na medida em que nos leva, em tempos de conflituosas situações políticas, a refletir sobre o currículo escolar necessário e obrigatório na EJA, em especial, na disciplina de Matemática. Com efeito, Edna Maria Cordeiro conseguiu delinear um cenário da Educação Matemática no Ceeja Padre Moretti, no período de 1977 a 2012, de forma sagaz, com um rigor teórico-metodológico que, pesquisadores poderiam lançar mão em suas estratégias de investigação. O proeminente, no caso, é a possibilidade de constatar a magnitude da sua contribuição para a Educação Matemática do nosso país, além da expectativa de que Cecília faça uma nova travessia para continuar contando-nos seus percursos e descobertas.